

CAMINHANDO NO VALE DA MORTE

O que a morte tem a nos ensinar?

Escrito por:

Paulo Henrique Nogueira Lima

(Diácono da ICEU)

Falar da morte não é fácil. Não é fácil nem olhar para ela, quando vemos alguém morrendo de olhos abertos, em um filme, o que as pessoas fazem? Fecham os olhos do morto. Justamente porque olhar diretamente pra ela é desconfortável. Mesmo para o espírita mais experiente, olhar para um cadáver é no mínimo desagradável. O que faz da morte, então, algo tão preocupante e indesejável? Os espíritas já se sabem que a completa extinção da vida não existe, logo o ato de morrer deve ser visto pelo seu caráter simbólico. Ou seja, quais são os diferentes tipos de morte, porque eles existem e o que eles tem a nos ensinar? É o que veremos com calma no decorrer desse artigo. O que nos interessa até aqui é pensar que, o caráter angustiante, que carrega esse processo da vida, tem uma razão de ser. Veremos aqui que tanto a interrupção da vida quanto a angústia que a acompanham são carregadas de uma infinidade de aprendizagens necessárias em nossa elevação espiritual.

A primeira morte que falaremos aqui é a da presença de alguém. Quando alguma pessoa próxima de nós parte para o plano espiritual o que ela nos deixa é a sensação de falta, de ausência. Precisamos aceitar que não teremos mais a presença daquela pessoa em nossas vidas. Para muitos essa separação é extremamente sofrida e dolorosa. Os vivos ficam com a tarefa de aceitar que não terão mais

a presença daquela pessoa que se foi. É até interessante pensar, por exemplo, no próprio ato do funeral. Se detivermos nossa atenção nesse ritual nos daremos conta de que ele não foi feito para o morto e sim para os que estão vivos. O que ouvimos nesse momento de despedida é: “o que será de mim agora? Como eu vou seguir a minha vida? E se eu não suportar essa dor?”. Não se fala no funeral sobre o que será do morto agora. Como será a sua passagem para o outro plano, nem mesmo fazem um círculo de boas vibrações para que esse cumpra com tranqüilidade a sua passagem. Não. Não é isso que vemos nos funerais. Ou seja, eles são um ritual para que os vivos elaborem o luto e a dor de se desapegar daquela pessoa. É ainda mais interessante pensar como outras culturas realizam esse momento de despedida. No México, por exemplo, o funeral não deve ser um momento triste. Ao contrário, é a hora de relembrar todos os momentos felizes que passaram com aquela pessoa, todas as boas conversas que tiveram, as piadas, o tanto que aquela pessoa os ensinou, etc. Popularmente chamam, inclusive, essas atividades de “beber o morto”, ou seja, essa é hora de ingerir todas as lembranças, de degustar os momentos felizes, de digerir o passado, mas com alegria. Então a primeira morte que discutimos é a da presença de alguém.

O próximo tipo de morte se refere à algo desconhecido dentro de nós mesmos. Me refiro àqueles dias em que você se sente morto por dentro, mas não sabe dizer porque. Você sabe que está lhe faltando vida, lhe falta um pedaço, parece que algo dentro de você morreu, mas você não sabe dizer o que é, é algo desconhecido. Mas você tem a certeza de que algo está errado, de que uma parte sua está partida, sente-se uma ferida na alma. Em outros textos já mencionamos a bela canção do Chico Buarque em que ele se refere a esse sentimento, dizendo: “tem dias que a gente se sente como quem partiu ou morreu. A gente estancou de repente, ou foi o mundo então que cresceu”. Diremos aqui que esse sentimento é uma espécie de morte justamente pela sua profundidade. Pela forma como ficamos mortificados nesses momentos da vida. Até mesmo porque, como dissemos, a morte como fim da vida não existe. Então quando nos referimos a ela devemos pensar no seu sentido simbólico e nas suas diferentes expressões e manifestações.

A terceira e penúltima expressão da morte é a de um defeito próprio. Se até aqui falamos de mortes que acontecem naturalmente, agora falaremos das que devem ser provocadas. Mas porque chamar o ato de se livrar de um defeito por um nome tão forte como esse? Justamente para que aceitemos a dificuldade que é desapegar de atitudes enraizadas em nossa personalidade. Para

abandonarmos um vício ou um defeito, uma parte nossa deve morrer junto. Não se desprende assim facilmente de nenhum vício, caso contrário já o teríamos feito, e o mesmo não receberia esse nome. Por isso é justificável dar a devida importância para a necessidade desse processo e, portanto, receber esse nome. Então, diremos aqui que para alguns defeitos nós devemos matar e mutilar a parte do nosso espírito que se prende a ele. A morte está aqui apontada para o nosso interior e o está intencionalmente.

E para fecharmos nossos exemplos e tipos de morte simbólicas, finalizaremos com a que se refere a de um defeito de outra pessoa. Na prática, ela se enquadra ao mesmo contexto da anterior, só que com a diferença de que aqui a morte deve ser direcionada para outra pessoa. É o caso em que devemos matar o defeito de outra pessoa. Novamente é uma expressão forte, mas como o dissemos, justificadamente.

Dentre os tipos de morte que falamos até aqui vimos que uma similaridade que une todas elas é o fato de provocarem algum tipo de rompimento, seja da vida material, ou de alguma característica pessoal e até mesmo da relação entre as pessoas. Bom, antes de seguirmos nossa análise sobre o tema, gostaria de propor uma reflexão, uma pergunta sobre a essência e a natureza de Jesus.

Imaginemos agora dois tipos de energia que nos envolve, a primeira é acolhedora, amigável, sutil e agradável, uma energia amorosa e terna. A segunda energia é uma energia destruidora, estridente, agressiva e agitada. Chamaremos a primeira energia de pulsão de vida e a segunda de pulsão de morte. A pergunta sobre a essência de Jesus é, em que esta consiste? No equilíbrio perfeito e harmônico entre as pulsões de vida e de morte ou ela é dotada apenas de pulsão de vida? Em outras palavras, Jesus, no seu estágio atual de evolução, encontrou o equilíbrio perfeito entre a pulsão de vida e a pulsão de morte ou ele eliminou completamente do seu espírito a pulsão de morte? Pergunta essa difícil de ser respondida, não é? Mas tanto quanto importante. Essa pergunta é a chave para a conclusão de nossas reflexões até aqui sobre o tema da morte e o que ele tem a nos ensinar. Antes de respondê-la se faz necessária uma observação sobre a natureza e a função desse tipo de pergunta. Alguns questionamentos feitos por Allan Kardec aos espíritos tiveram como resposta o seguinte: “a vossa linguagem é extremamente limitada para se responder isso. Faltam-lhe termos que expressem e representem algumas idéias. Muitos dos termos que vocês usam são ambíguos e distantes da realidade. Vocês possuem mais de um termo para se referir ao mesmo objeto, e, ao mesmo tempo, possuem um único termo referindo-se a objetos diferentes. Enquanto não

aprimorarem vossa linguagem terão perguntas que serão impossíveis de respondermos de forma que vocês compreendam e ideais incapazes de serem assimiladas”. Ora, essa dificuldade expressa pelos espíritos superiores é a mesma encontrada aqui em nossa reflexão. Fica difícil responder a essa pergunta sobre a natureza de Jesus justamente por causa da limitação de nossa linguagem. E justamente por isso esse tipo de questionamento é valiosíssimo, pois são a partir deles que refinaremos nossa comunicação e compreensão do mundo espiritual.

Bom, vamos então à resposta do nosso questionamento. Nos evangelhos encontramos diversas pistas que nos levam a pensar que Jesus não possuía apenas pulsões de vida, mas que possuía sim as pulsões de morte também, mas que possuía o perfeito controle delas, sabendo-as usar de maneira efetiva e produtiva nos momentos certos. Essas pulsões de morte, nas mãos de Jesus, devem ser comparadas a um bisturi nas mãos de um cirurgião cardíaco. Que usa esse poder de corte não para machucar, ferir ou matar alguém, mas que o usa para operar e retirar os tumores espirituais. Estamos nos referindo a essa pulsão de morte presente em Jesus porque muitos dos seus atos, das suas pregações e exemplos não poderiam ser feitos usando-se apenas as pulsões de vida. Daremos aqui agora alguns exemplos. Quando o mestre propagava idéias como a de que

ele não veio trazer a paz, mas a espada. Nos diversos dias em que ele falava abertamente “hipócritas, me honram com os lábios mas o seu coração está distante de mim.” *“Raça de víboras”*. Na ocasião em que ele precisou expulsar o vendilhões do templo. Não faltam exemplos que demonstram como o divino Rabi não apenas usava de acolhimento e ternura, mas também de autoridade a castração de maus hábitos. A diferença aqui é, segundo nossos estudos, de que os espíritos da ordem de Jesus não eliminam de si as pulsões da morte, mas ao contrário, encontram o perfeito equilíbrio entre ela e as demais energias. Ou seja, vemos que até mesmo a morte e a sua energia tem a sua utilidade na sua vida diária. Não cabe a nós eliminá-las por completo nem reprimi-las demasiadamente, mas buscar o controle delas e a sabedoria para usá-las no momento propício e na intensidade adequada. Até mesmo porque, Allan Kardec pergunta aos espíritos como é possível um Deus tão bondoso criar leis de destruição na natureza e nos homens. E eis que sabiamente e com palavras que nos encantam, os espíritos nos iluminam o entendimento com a seguinte resposta:

“É preciso que tudo se destrua para renascer e se regenerar, porque o que chamais de destruição não é senão uma transformação que tem por objetivo a renovação e melhoramento dos seres vivos.”

(Allan Kardec; Livros dos espíritos – Questão 728)

Bom, finalizando nossa discussão, vimos que independente do tipo de morte que estejamos falando, a física, a espiritual, a morte da presença de alguém, ou a de um defeito, teremos com ela sempre algo a apreender. E mais do que aprender com ela, é aprender a usá-la e controlá-la equilibradamente em harmonia com a pulsão de vida. Pois como vimos, a destruição advinda dela nada mais é do que um processo de renovação e de melhoramento do ser. Mas, voltando ao início do texto, falar da morte não é fácil. Justamente porque ter o domínio sobre ela é algo extremamente difícil para o espírito. Tanto que nas sábias palavras da Carta teológica ditada pelos espíritos superiores da ICEU encontramos a referência de que o último inimigo a ser vencido é a morte.